

## O CATALÃO, PROBLEMA ROMANÍSTICO

Manoel Dias MARTINS\*

---

*RESUMO: Em virtude de estar sobejamente comprovado e admitido que o catalão é uma língua étnica e tem status de língua românica autônoma, resulta ilógica e aberrante a sua classificação como mera "dependência" de outra língua mais "ilustre". Apesar deste reconhecimento, a posição do catalão na România continua sendo um problema à espera de solução científica. Este artigo procura oferecer subsídios de ordem geral para a compreensão dessa polêmica romanística.*

*UNITERMOS: Romanística; filologia românica; lingüística românica; línguas românicas, história externa.*

---

### INTRODUÇÃO

A situação de plurilingüismo configura-se, na Península Ibérica de hoje, pela coexistência de seis línguas diferentes, sendo quatro românicas – português, galego, espanhol, catalão –, sem contar com os diversos dialetos e um enclave gascão, também românico, no Vale de Arán. Das duas línguas não-românicas, só o caló ou romani é língua indo-européia, pertencente ao subgrupo indo do indo-iraniano, levada à Península pelos ciganos. O eusquera ou vasconço, língua dos bascos, com mais de dois mil anos, tem, conforme ensina Antonio Tovar, parentesco proto-histórico com as línguas do Cáucaso e com o ibérico.

Falar um idioma qualquer não significa simplesmente pronunciar de modo diferente em relação à língua que falam os sujeitos de um idioma vizinho. É evidente que uma língua, qualquer que seja, supõe uma estrutura particular do pensamento e reflete uma cultura e uma história diferentes das outras, em grau variável. Os franceses chamam *esprit de langue* este fenômeno, pois o grupo humano que a fala tem a sua própria *maneira de ver o mundo*, vinculada ao *status* cultural e sócio-econômico, político, geográfico e psicológico do território em que vive.

Em virtude de estar sobejamente comprovado e admitido que o catalão, como língua étnica que é, tem uma base de articulação para um sistema fonológico peculiar,

---

\* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800 – Assis – SP.

um inventário próprio de signos morfológicos, léxicos etc., uma maneira original de ver o mundo a garantir-lhe o *status* de língua românica autônoma, resulta ilógica e mesmo aberrante a sua classificação como mera “dependência” de outra língua mais “ilustre”. Apesar de este reconhecimento ser tão antigo quanto a existência da própria disciplina de filologia românica\*, a sua posição na România continua sendo, ainda hoje, um problema à espera de solução científica no âmbito dessa mesma disciplina.

### 1. As línguas ibero-românicas

A denominação de *línguas ibero-românicas*, há bastante tempo naturalizada na romanística, parte da concepção um tanto unilateral de que a Península Ibérica tem como base um substrato **ibérico** homogêneo. Entretanto, pesquisas realizadas nas últimas décadas levam a reconhecer que os alicerces étnicos da antiga Hispânia eram essencialmente mais variados e, em seu conjunto heterogêneo, não muito diferentes dos da Península Itálica. Hoje, porém, a Península Ibérica vive uma situação exatamente inversa à da Itália, segundo bem observa Pierre Bec: “là, trois langues de culture originale (galaico-ptg., cast. et cat), mas un dialectalisme évanescent; ici, une seule langue, mais un dialectalisme vivace” (5, p. 193). Com efeito, os dialetos asturiano, leonês e aragonês, não ligados geneticamente ao castelhano, são regressivos, enquanto o andaluz se encontra em franca progressão\*\*.

Foi Wilhelm von Humboldt quem deu fundamento decisivo e científico à teoria da unidade ibérica. Considerando o eusquera como último rebento da velha língua ibérica, valeu-se dele para explicar muitos antigos nomes geográficos de toda a Península. Esse ponto de vista foi aceito pelo eminente lingüista Hugo Schuchardt.

Uma nova doutrina se opôs ao iberismo, representada pelo historiador francês Arbois de Jubainville. Partindo de certas coincidências nos topônimos da Itália do Norte, França e Espanha, procurou demonstrar que os lígures eram o povo nativo mais antigo da Europa Ocidental. O arqueólogo Schulten adotou a tese e apoiou a idéia de que devem os lígures ser considerados como os primeiros habitantes da Hispânia, teoria essa que não deixou de suscitar polêmicas.

Em síntese, as correntes imigratórias que se deram na Hispânia foram as seguintes: aos habitantes aborígenes hispânicos, os *bascos* (= *vascones*), vieram juntar-se: 1) os *iberos*, de origem camítica, procedentes da África; 2) os *indo-europeus* (séculos IX e VIII a.C.), assim distribuídos: (a) lígures, ilfrios, astures, cântabros e carpitanos, e (b) celtas e celtiberos, submetidos estes àqueles; 3) os *fencios*, os *gregos* e os *cartagineses*. Depois dos *romanos*, é preciso considerar as invasões dos *bárbaros* e dos *árabes*.

\* Esta opinião foi exposta por Friedrich Diez, o fundador da filologia românica. Cf. 3.2.3.

\*\* A respeito do andaluz, assim se pronuncia Dámaso Alonso: “Por de pronto la consideración de categoría dialectal al andaluz es uso bien reciente: el nuevo sistema de *e* y *o* abiertas y cerradas, con valor fonológico, en la Andalucía oriental, acaba de ser descubierto. Nosotros hemos encontrado aún otra zona de curiosas palatalizaciones de *a*. Pero ¿cuántas sorpresas más nos reserva Andalucía? El *Atlas de Andalucía* de Manuel Alvar contestará a estas y muchas otras preguntas semejantes.” (2, p. 20-21).

Os bárbaros – suevos, alanos e visigodos – chegam, já romanizados, ao século V; são responsáveis por algumas inovações lingüísticas, como, por exemplo, alguns costumes germânicos de acentuação que seriam causas da ditongação, não só no proto-romanzo hispânico, mas também nos proto-romanzos gálico e itálico.

Os árabes são indiretamente responsáveis pela atual fragmentação lingüística hispânica, de vez que, sem eles, não se teria dado a Reconquista. Walther von Wartburg os chama país *per negationem* dos domínios nacionais e lingüísticos português, espanhol e catalão.

Kurt Baldinger, em sua obra *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica* (4), analisa os problemas, métodos e perspectivas que se oferecem ao pesquisador de hoje. Explora as razões históricas das diferenças essenciais entre os domínios lingüísticos ibero-românicos, bem como a função exercida nos mesmos pela Reconquista, pelos pré-romanos, pelos visigodos e pelos árabes, sem desprezar a ação dos substratos lígur, celta e baso-ibérico. Isto porque a situação geográfica da Península Ibérica, como ponte entre a Europa e o Norte da África, determinou que a Espanha fosse várias vezes o ponto de contato de duas civilizações fundamentalmente diversas. Ali se encontraram povos pré-históricos, procedentes do sul, e os celtas, do norte; ali coincidiram Cartago e Roma, visigodos e árabes. Pelo fato de ter sido caminho e encruzilhada de invasões, está mais patente na Espanha do que em qualquer país europeu a marca da História no desenvolvimento do castelhano-espanhol e de seus idiomas irmãos, o português e o catalão.

## 2. O catalão

2.0. O catalão conta, hoje, com mais de sete milhões de falantes distribuídos numa extensão territorial aproximada de 61.000 km<sup>2</sup>. Como língua natural, administrativa, literária e de cultura floresceu entre os séculos XIII e XIV, centralizado na corte da Coroa de Aragão, onde atingiu um aspecto uniforme. Mais tarde, em virtude da unificação com o Reino de Castela, perdeu o *status* de língua nacional e de cultura para o castelhano. Hoje, contudo, volta a ter um grande pólo de atração e difusão lingüística em Barcelona, importante centro econômico e cultural, pois a *Renaixença* do nacionalismo catalânico propicia-lhe um uso cada vez mais vivo em todas as atividades intelectuais e pragmáticas.

2.1. O domínio lingüístico do catalão compreende: a) toda a extensão do antigo Principado da Catalunha, abrangendo as províncias catalãs de Barcelona, Gerona, Tarragona e Lérida; b) a maior parte do antigo Reino de Valência, abrangendo as províncias valencianas de Valência, Castellón de la Plana e Alicante; c) uma faixa da região de Aragão, ao leste das províncias aragonesas de Huesca, Saragoça e Teruel, ao longo do limite ocidental do Principado; d) as Ilhas Baleares – Maiorca, Minorca, Cabrera, Ibiza e Formentera; e) a pequena República de Andorra, nos Pireneus; f) uma região francesa (a antiga *Septimania*) que se estende entre a costa mediterrânea e a fronteira franco-espanhola, abrangendo as terras do Departamento dos Pireneus Orientais – o antigo Rossilhão, ocupado pela França em 1659, e os condados de

Vallespir, Conflent, Cerdanha e Capcir; e g) o território da cidade de Alguero, na costa noroeste da ilha da Sardenha, para a qual o catalão foi importado após ter sido esta ilha anexada à Coroa de Aragão, em 1353.

2.2. Os dois grupos dialetais do catalão – oriental e ocidental – subordinam-se a uma única língua literária. O catalão oriental, centralizado em Barcelona, é falado no território da antiga *Marca Hispânica* (fundada por Carlos Magno para defender o seu Império contra os ataques árabes) e o catalão ocidental, no território do antigo condado e bispado de Urgel. O domínio do catalão ocidental compreende: Andorra, a faixa aragonesa, Lérida, o ocidente de Tarragona e a parte valenciana. O domínio do catalão oriental compreende: a Catalunha francesa, Barcelona, Cerona, o oriente de Tarragona e as Baleares. O alguerês, de conformidade com as suas características particulares, ora se situa com o baleárico, ora com o ocidental, ora com nenhum dos dois.

2.3. O catalão normativizado pelo gramático Pompeu Fabra é língua oficial em Andorra. Foi igualmente língua oficial do governo da *República*, depois da *Generalitat de Catalunya*, até o estabelecimento do regime franquista na Espanha. Agora, com a monarquia de Juan Carlos, voltou a ser língua oficial da Catalunha autônoma.

2.4. O catalão é resultado da evolução do latim vulgar da província *Tarraconensis* e não, como alguns chegaram a supor, uma língua importada pelos emigrantes oriundos do Sul da França, logo após a reconquista da Marca Hispânica.

2.5. É impossível precisar em que momento começa a história da língua catalã, pois a passagem do latim vulgar a esta língua foi lenta, gradativa e quase imperceptível. As mudanças mais radicais presumivelmente se produziram entre os séculos VII e VIII. Nos séculos IX, X e XI, os textos latinos encontram-se eivados de palavras e mesmo de frases inteiras em puro catalão, o que nos autoriza a supor que já era esta a língua falada naquele tempo.

Distinguem-se três grandes épocas na história da língua e da literatura catalãs: a) o *período nacional* – até fins do século XV; b) a *decadência* – séculos XVI-XVIII; e c) a *Renaixença* – de 1833 até hoje.

2.6. O primeiro texto literário do catalão aparece no fim do século XII. Trata-se das *Homilies d'Organyà*, fragmento de uma coleção de sermões. A importância da literatura catalã cresceu rapidamente na Idade Média; por volta de 1300 já contava com grande variedade de gêneros, e em 1400 já era uma literatura completa, entre cujos expoentes convém citar Ramon Llull, Arnau de Vilanova, Bernat Metge, Ausiàs March, Jaume Roig etc. É interessante registrar a atividade filológica dos catalães antigos: segundo Coromines, Ramon Vidal de Besalú (1160-1230?) escreveu a mais antiga gramática conservada de uma língua moderna (8, p. 29). Ao período de renovação pertencem muitos nomes ilustres de literatos e cultivadores do catalão, entre os quais se destacam Aribau, Verdaguer, Costa i Llobera, Llorente, Maragall, Carner, Alcover, López Picó, Riba, Guimerà, Sagarra, Oller, Soldevila, Rubió, Ors, Milà i Fontanals, Aguiló, Balaguer, Fabra, Coló, Coromines, Roca i Pons, Martorell, Badia Margarit etc. etc.

### 3. Problema romanístico

3.1. Vejamos o que escreve o filólogo e lingüista catalão Joan Coromines a respeito da romanidade de sua língua:

“El català és una llengua romànica, resultant de l’evolució local del llatí parlat en el país en temps dels romans. Ocupa una posició central entre les llengües de la família romànica. En la seva forma actual presenta semblances particulars amb moltes d’elles” (8, p. 17).

“Innegablement hi ha un grau de parentiu especial entre les tres llengües romàniques de la Península, portuguès, castellà i català; però cal advertir que el castellà sovint s’aparta dels altres dos, mentre portuguès i català romanen més semblants...” (8, p. 18).

Latinidade diferente e intensidade diversa dos superstratos germânico e árabe são traços que servem para distanciar, umas das outras, as línguas portuguesa, espanhola e catalã. Os reajustes modernos do léxico espanhol, por exemplo, acentuam o distanciamento (Cf. Germán Colón, 7, p. 72-73).

Acerca da afinidade com o galo-românico, Coromines define o parentesco catalano-occitânico nos seguintes termos:

“Podríem dir que si les altres llengües romàniques són germanes, el portuguès i el català són bessons, i les llengües d’Oc i catalana són una altra parella equiparable” (8, p. 20).

Ressalva, todavia, que as duas línguas nunca foram idênticas nem formaram uma unidade real e perfeita, ao defender a originalidade do catalão:

“L’originalitat del català s’afirma des de bon principi en els monuments històrics, i cal observar que encara era molt més gran en el parlar que en l’escriptura” (8, p. 20).

O português, o galego, o espanhol, o catalão, o gascão e o occitano formam unidade em oposição ao francês. O catalão tem um ar de família com o resto da România; tanto é assim que um romanista de formação centro-européia, não hispanista, se desorienta menos em face do catalão do que ante o espanhol ou o português. Podemos afirmar, com mais precisão, que, dentre as línguas românicas não-hispânicas, é o grupo galo-românico que apresenta maiores afinidades com o catalão.

3.2. O problema das origens do catalão e sua posição entre as línguas românicas provocou uma das mais vivas polêmicas romanísticas, que ainda continua à espera de solução por parte dos estudiosos. A natureza deste artigo não nos permite entrar em minúcias acerca da questão\*, mas julgamos oportuno relatá-la em linhas gerais.

---

\* Para mais detalhes, cf. 1, p. 11-127; 3, p. 23-30; 4, p. 125-260; 6, p. 32-37, 44-51, 194-197; 9, p. 128-131; 10, p. 103-106; 11; 12, p. 24-36; 13, p. 255-266; 14, p. 240-246.

3.2.1. *Catalão = dialeto galo-românico*. A. Morel-Fatio, em 1888, foi o primeiro a emitir a opinião de que, nos séculos VIII e IX, depois da fundação da Marca Hispânica, um falar “provençal” foi transplantado para lá e, durante a Reconquista, expandiu-se pelo território catalão. Esta opinião chegou a ser adotada por lingüistas de renome, como W. Meyer-Lübke, E. Bourciez e outros.

3.2.2. *Catalão = dialeto ibero-românico*. Segundo J. Seroihandy e Heinrich Morf, entre outros, o catalão nasceu na Espanha, de onde passou para o outro lado dos Pireneus em virtude do estabelecimento da Marca Hispânica e das divisões eclesiásticas. Percorreu, portanto, um caminho inverso ao que imaginaram os partidários da primeira tese.

3.2.3. *Catalão = língua românica independente*. Esta tese sustenta que o catalão é uma língua românica independente e não dialeto de outra. É a opinião mais antiga, pois foi exposta por F. Diez, o fundador da filologia românica, situando o catalão ao lado dos outros idiomas românicos, em pé de igualdade com eles. Todos os especialistas aceitaram esta tese durante algum tempo; foi abandonada por alguns, mas foi retomada por W. von Wartburg e sustentada com paixão nacionalista por A. Griera.

3.2.4. Declarada e admitida por todos os romanistas a personalidade do catalão como língua românica independente, começa a polêmica acerca de sua posição na Românica, cujo ponto essencial tem sido o problema de suas afinidades com os domínios lingüísticos vizinhos.

Uma primeira tese a este respeito agrupa o catalão no galo-românico; foi esta a perspectiva de F. Diez, W. Meyer-Lübke, W. von Wartburg, A. Griera, W. J. Entwistle e outros.

Uma segunda tese defende a posição do catalão no grupo ibero-românico; seus principais representantes, R. Menéndez Pidal, Harri Meier e Amado Alonso, levaram em conta a totalidade dos idiomas falados na Península Ibérica.

Uma terceira tese fala de um grupo pirenaico, constituído pelo catalão, pelo aragonês e pelo gascão, como forma intermediária entre os grupos galo-românico e ibero-românico. Defendida por G. Rohlfs, esta classificação foi apoiada por A. Kuhn, V. García de Diego e outros. Seu principal defensor, G. Rohlfs, definiu este grupo como uma espécie de România galo-ibérica (ou celtibérica) (cf. 14, p. 245).

Ao que parece, esta última tese motivou o conceito do catalão como *língua-ponte*, quer dizer, transição entre o galo-românico e o ibero-românico, adotada por K. Baldinger, A. Badía Margarit, J. Coromines etc. etc. A metáfora de *língua-ponte* não é muito feliz, porque poderia aplicar-se a qualquer domínio lingüístico em relação a seus vizinhos; assim, por exemplo, poderíamos falar das seguintes “pontes”: occitano, entre francês e catalão; espanhol, entre catalão e português; aragonês, entre catalão e castelhano; castelhano, entre aragonês e leonês...

3.2.5. As atividades de pesquisa recomeçaram a movimentar, nos últimos trinta anos, os lingüistas catalães, motivados pelos resultados obtidos por historiadores de Pré-História, historiadores de Direito e economistas. Transferiu-se a discussão para

a história da língua catalã e para a explicação lingüística e histórica de sua fragmentação dialetal interna. Daí surgiu uma série de problemas novos e fundamentais a iluminar, em um plano distinto, a enalhada polêmica da subagrupação românica do catalão.

O mais recente ponto de vista posto *ad referendum* dos romanistas é fruto de estudos realizados por M. Sanchis Guarnier e G. Colón: a língua catalã não foi importada, é hispânica, autóctone, pois é continuação do latim vulgar do nordeste da Província *Tarraconensis* do Império Romano.

## CONCLUSÃO

Como vemos, a polêmica continua... É bastante sensata a seguinte informação de Germán Colón: "El catalán, en selecciones lingüísticas no es ni más ni menos dependiente del occitano o del francés de lo que lo es del español" (7, p. 27). É possível, sem dúvida, com certo grau de manipulação, estabelecer certas agrupações; é importante, antes de mais nada, que se reconheça a personalidade da língua catalã no conjunto maior das línguas românicas, todas elas cientificamente colocadas no mesmo plano. Entre o muito de pesquisa ainda por fazer na busca de soluções em matéria de lingüística e filologia românicas, cabe ao futuro da lingüística histórica comparar melhor as preferências fonéticas, morfológicas, sintáticas e léxicas de cada língua, no sentido de evidenciar traços comuns e divergentes, o que possibilitará detectar as isoglossas e certas convergências. Seria conveniente, com base em traços comuns dessa índole, assinalar a existência de certos diassistemas latinos como troncos de grupos de romances. A observação léxica, por exemplo, evidencia que o diassistema latino do qual procede o catalão é diverso do chamado latim hispânico, diassistema do português ou do castelhano. O ponto de vista metodológico, apoiado na cronologia, que adotam os defensores da pretensa mudança de caráter do catalão no sentido da hispanização, pode considerar-se *in limine* falso. Ora, é mais do que sabido que as diversas modalidades da língua occitânica nunca chegaram a constituir um conjunto homogêneo; é também elementar o fato de essa língua, assim como o espanhol, não ser estatisticamente perfeita. Configura-se, portanto, como absurda arbitrariedade pretender que só uma língua evolucione entre duas vizinhas inalteradas e imutáveis.

---

MARTINS, M. D. – Catalan, a romanistic problem. *Alfa*, São Paulo, 33: 171-178, 1989.

*ABSTRACT: Due to the fact that Catalan is assuredly an autonomous Romance language, its classification as a mere "dependence" of another more "illustrious" language seems illogical and aberrant. In spite of this, the position of Catalan with respect to Ibero- and Gallo-Romance still remains as a topic of debate. In this article an effort is made in order to enlighten the comprehension of the above mentioned debate.*

*KEY-WORDS: Romanistics; romance linguistics; romance philology; romance languages, external history.*

---

*Alfa*, São Paulo, 33: 171-178, 1989.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALONSO, A. – *Estudios lingüísticos; temas españoles*. Madrid, Gredos, 1954.
2. ALONSO, D. – La fragmentación fonética peninsular. In: *Enciclopedia lingüística hispánica*. t. 1, *Suplemento*. Madrid, CSIC, 1962.
3. BADÍA MARGARIT, A. M. – *Gramática histórica catalana*. Barcelona, Noguer, 1951.
4. BALDINGER, K. – *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Trad. de Emilio Lledó y Montserrat Macau. 2. ed. corr. y muy aum. Madrid, Gredos, 1972.
5. BEC, P. – *Manuel pratique de philologie romane*. Paris, Picard, 1970. v. 1.
6. CATALÁN, D. – *Lingüística fbero-románica; crítica retrospectiva*. Madrid, Gredos, 1974.
7. COLÓN, G. – *El léxico catalán en la Romania*. Madrid, Gredos, 1976.
8. COROMINES, J. – *El que s'ha de saber de la llengua catalana*. 5. ed. Palma de Mallorca, Moll, 1972.
9. ELIA, S. – *Preparação à lingüística românica*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979.
10. IORDAN, I. & MANOLIU, M. – *Manual de lingüística románica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manuel Alvar. Madrid, Gredos, 1972. v. 1.
11. MENÉNDEZ PIDAL, R. – *Orígenes del español; estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*. 3. ed. Madrid, Espasa-Calpe, 1950.
12. MOLL, F. de B. – *Gramática histórica catalana*. Madrid, Gredos, 1952.
13. ROHLFS, G. – *Estudios sobre el léxico románico*. Reelaboración parcial y notas de Manuel Alvar. Ed. conjunta, rev. aum. Madrid, Gredos, 1979.
14. ROHLFS, G. – *Manual de filología hispánica; guía bibliográfica, crítica y metódica*. Trad. de Carlos Patiño Rosselli. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1957.